

MUSEU COMO LUGAR DE TORNA-SE: O CONCEITO DE EMPATIA EM GILBERTO FREYRE

Gleyce Kelly Maciel Heitor¹; Mario de Souza Chagas²

Resumo

Ao abordar seus métodos e procedimentos de pesquisa e escrita, Gilberto Freyre empenhou-se, como intérprete da formação da sociedade brasileira, em ressaltar sua opção pela adoção da pluralidade de olhares e abordagens, enunciando seu pensamento a partir de múltiplos lugares. Sendo e não sendo – a seu modo – sociólogo, antropólogo, historiador, político e escritor, o autor acionou, por vezes, o conceito de empatia como pressuposto analítico. Assim como em sua narrativa a linguagem se caracteriza pela pessoalidade, que confere a seu texto – por vezes – um ritmo de diálogo marcado pela espontaneidade e intimidade com o leitor, em seus escritos sobre museus e patrimônio, publicados ao longo do século XX, veem-se articulados desejos e sugestões em torno de uma museologia integrativa e criadora, capaz de agenciar afetos e de aproximar instituição, objetos e públicos, por fazer conviver histórias distintas e representar um modo de existência, um modo de ser: regional. Apresentaremos com esta comunicação os resultados parciais da pesquisa *Museu a seu modo: o museu como dispositivo de validação da Teoria Freyreana*, onde, articulando a leitura dos documentos e os diálogos de Gilberto Freyre com uma rede de teóricos afins, buscamos identificar como o conceito de empatia atravessa as concepções de museu e museologia deste autor.

Palavras Chave: Museu, Museologia, Gilberto Freyre, Empatia, Regionalismo.

Resumen

Al abordar sus métodos y procedimientos de investigación y escritura, Gilberto Freyre trató de destacar, como intérprete de la formación de la sociedad brasileña, su opción de adoptar la pluralidad de puntos de vista y enfoques, expresando sus pensamientos desde múltiples lugares. Sendo y no sendo - a su manera - un sociólogo, antropólogo, historiador, político y escritor, el autor a veces hizo uso del concepto de empatía como una condición previa de su análisis. Al igual que en su narrativa, el lenguaje se caracteriza por el personalismo, que con frecuencia da a su texto un ritmo de un diálogo marcado por la espontaneidad y la intimidad con el lector, en sus escritos sobre museos y patrimonio, publicados durante el siglo XX, se articulan deseos y sugerencias en torno a una museología integradora y creativa, capaz de hacer los agenciamientos de los afectos y aproximar institución, objetos y públicos, para hacer convivir historias distintas y representar un modo de existencia: una manera de ser regional. Se presenta en esta comunicación los resultados parciales de la investigación *Museo a su manera: el museo como un dispositivo para validar la teoría freyreana*, donde, articulando la lectura de los documentos y los diálogos de Gilberto Freyre con una red de teóricos relacionados, se

¹ Possui licenciatura em História (UFPE) e é Mestre em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST).

² Museólogo (UNIRIO), com Licenciatura em Ciências (UERJ), mestre em Memória Social (UNIRIO) e doutor em Ciências Sociais (UERJ). Atualmente é técnico em assuntos culturais do IBRAM e professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; é professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST) e do Programa de Pós-Graduação em memória Social (UNIRIO).

busca identificar cómo el concepto de empatía atraviesa las concepciones de este autor acerca de lo museo y de la museología.

Palabras clave: Museo, Museología, Gilberto Freyre, Empatía, Regionalismo.

Abstract

When approaching his methods and procedures of research and writing, Gilberto Freyre endeavored, as an interpreter of the formation of Brazilian society, to emphasize its option to adopt the plurality of views and approaches, expressing his thoughts from multiple places. Being and not being - in his own way - a sociologist, anthropologist, historian, politician and writer, the author sometimes used the concept of empathy as a precondition for analysis. Language in his narrative is characterized by personalism, that frequently gives to his text an aspect of dialogue marked by spontaneity and intimacy with the reader. Likewise, in his writings on museums and heritage, published during the twentieth century, he melts desires and suggestions of a creative museology, able to produce 'agency' for affects and to approximate institution, public and objects. His aim is to let cohabitate different histories and to represent a type of existence: a regional way of being. We present in this communication the partial results of the research *Museu a seu modo: o museu como dispositivo de validação da Teoria Freyreana* (Museum in its own way: the museum as a legitimation device of freyrean theory), where we seek to identify how the concept of empathy spans his conceptions of museum and museology, articulating the reading of documents and the dialogues of Gilberto Freyre on a network of related scholars.

Keyword: Museum, Museology. Gilberto Freyre, Empathy, Regionalism.

1. Museu como Lugar de Tornar-se

Compreender não é mais, então, um modo de conhecimento, mas um modo de ser, o modo desse ser que existe compreendendo (RICOUER, 1978, p.10).

Ao abordar seus métodos e procedimentos de pesquisa e escrita, Gilberto Freyre empenhou-se, como intérprete da formação da sociedade brasileira, em ressaltar sua opção pela adoção da pluralidade de olhares e abordagens, enunciando seu pensamento a partir de múltiplos lugares. Sendo e não sendo – a seu modo – sociólogo, antropólogo, historiador, político e escritor, o autor acionou, por vezes, o conceito de empatia como pressuposto analítico. Assim como em sua narrativa a linguagem se caracteriza pela pessoalidade, que confere a seu texto um ritmo de diálogo marcado pela espontaneidade e intimidade com o leitor, em seus escritos sobre museus e patrimônio, publicados ao longo do século XX, veem-se articulados desejos e sugestões em torno de uma museologia integrativa e criadora, capaz de agenciar afetos e de aproximar instituição, objetos e públicos.

Nesse sentido, não cabia em Freyre o extremo adotado por Manuel Bandeira, que ao evocar o Recife de sua infância, vivida na Rua da União entre brincadeiras de ruas e conversas nas calçadas, negou o Recife “da *Mauristsstad dos armadores das índias ocidentais*”³, ao contrário, o caráter integrativo do museu freyreano se define por seu anseio em fazer conviver empaticamente “panelas de barro, facas de ponta, cachimbo de matutos, sandálias de sertanejos, miniaturas de almanjarras, figuras de cerâmicas, bonecas de pano, carros de boi e relíquias de heróis de guerras e mártires de revoluções gloriosas” (CHAGAS, 2009, p.130). O museu é espaço de comunhão de objetos-símbolos (FREYRE, 1984 a), que por serem emblemas de uma cultura, possuem valor por sua capacidade em produzir e reproduzir em seus mais variados aspectos, um modo de ser: regional e enraizado em um passado comum.

No entanto, qual a compreensão de Freyre, de empatia? E como tal conceito encontra-se em suas formulações sobre os museus? Buscaremos neste capítulo arrolar momentos dedicados pelo autor à definição de empatia como prática interpretativa, articulando a leitura dos documentos e os diálogos de Gilberto Freyre com uma rede de teóricos afins, buscamos identificar como tal conceito atravessa as concepções de museu e museologia desse autor.

1.1 De como compreender, sendo

No livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968), texto onde Gilberto Freyre realiza um balanço de sua obra traçando uma série de reflexões sobre o lugar de sua escrita entre a história, a antropologia e a sociologia e onde estão elencados seus principais interlocutores, encontramos uma passagem onde o autor “louvava-se por haver introduzido na língua portuguesa a palavra empatia” (LIMA, 2008. p 34), que teria buscado no léxico grego⁴, e que em seu pensamento tornara-se método, ao qual ele recorria como analista social cuja prática caracterizava-se pela capacidade de “ver-se um indivíduo em outros e de ver outros em si mesmo, em uma perspectiva tanto de dentro para fora como de fora para dentro” (FREYRE, 1968.). Compreende assim o autor, que:

³ Referência ao poema *Evocação do Recife*, escrito por Manuel Bandeira sob encomenda de Gilberto Freyre, que foi publicado pela primeira vez em 1925 no Livro do Nordeste.

⁴ **Empatia:** Etimologicamente, “dentro da emoção”, “junto com a emoção”. Psicologicamente, identificação emocional da pessoa com indivíduos ou coisas percebidas. O radical da palavra empatia é *pathos*, termo grego com que designa a qualidade que excita a emoção. Difere da simpatia ou “união das emoções”, da antipatia “oposição das emoções” e da apatia “ausência de emoções”. Constitui-se como a capacidade que possuímos de penetrar a personalidade alheia para obtermos uma previsão, uma antecipação, uma avaliação o mais seguro possível das suas reações. Texto adaptado de: EDIPE – Enciclopédia Didática de Informação e Pesquisa Educacional. 3. ed. São Paulo: Iracema, 1987.

sem empatia, não é possível o estudo do passado assim amplo e intenso a um tempo, social e pessoal. Estudo que nos transmita do passado humano um pouco do que nele foi valor vivo, símbolo vivido; ou existência, vivência, experiência, condicionada por valores e símbolos (Idem, 1959, p.XXXIII.).

E afirma, ainda, ter recorrido à perspectiva empática na escrita de *Casa grande & senzala* (1933), obra que juntamente com *Sobrados e mucambos*(1936) e *Ordem e progresso*(1959) compõe uma trilogia centrada na análise da formação da sociedade patriarcal brasileira e da identidade nacional, sendo um estudo onde teria buscado distender-se em personalidades complementares a sua, tendo levado

esse desdobramento de personalidade ao extremo arriscado, perigoso, mesmo, desdobrando sua personalidade de origem étnico-cultural e de formação sociocultural, além de principalmente européias, principalmente senhores, procurar sentir-se também, em seus antecedentes e no seu próprio ethos, não só senhoril como servil; não só europeu como não-europeu; ou especificamente indígena, mouro, judeu, negro, africano, e, mais do que isto: mulher, menino, escravo, oprimido, explorado, abusado, no seu ethos e no seu status, por patriarcas e por senhores (Idem, 1968).

Nesse sentido, Gilberto Freyre estabelece um diálogo com as discussões em torno da interpretação, iniciadas no fim do século XVIII, e que deram base aos debates hermenêuticos dos séculos posteriores, especialmente na corrente denominada historicista, onde o postulado da empatia – como instrumento imprescindível ao conhecimento científico do social – se fez presente tanto no âmbito da história geral como no da história literária pela defesa de uma identidade entre sujeito e objeto de conhecimento. Pressuposto que teve em William Dilthey (1833-1911) um de seus principais pensadores, sobretudo por seu projeto inicial de introduzir a psicologia como base para uma metodologia das ciências humanas, em busca de suas especificidades e no esforço por diferenciá-las das ciências naturais, objetivo que esteve presente em suas primeiras formulações e que foi revisto – posteriormente – pelo pensador, que passou a reconhecer os enraizamentos das relações do indivíduo com o mundo a partir de um horizonte social e cultural, alicerçando assim a análise das ciências humanas na relação entre vivência, expressão e compreensão, conferindo à noção de compreensão, maior relevância.

Se a vida social e cultural se constitui a partir de vivências individuais, compreende-se o método da empatia como aquele a partir do qual é possível recriar a situação interpretada, a partir de analogias com as próprias experiências do intérprete, sendo assim “a vida como ponto de partida e contexto duradouro fornece o primeiro aspecto básico da estrutura dos estudos humanos, pois estes repousam na experiência,

na compreensão e no conhecimento da vida” (DILTHEY, 1976. p. 183; *apud* ALEXANDER, 1999, p.49). Desse modo, o pensamento de Dilthey se inscreve no esforço por tornar a hermenêutica o lugar onde, segundo Ricouer:

toda interpretação se propõe a vencer uma distância, entre a época cultural revoluta, à qual pertence o texto, e o próprio intérprete. Ao superar essa distância, ao tornar-se contemporâneo do texto, o exegeta pode apropriar-se do sentido: de estranho, pretende torná-lo próprio, quer dizer, fazê-lo seu. Portanto, o que ele persegue, através da compreensão do outro, é a ampliação da própria compreensão de si mesmo (1978.p.18).

As principais críticas ao historicismo, no entanto, consistem na afirmação de que seus autores almejavam não só entender os acontecimentos passados tal como “realmente ocorreram” como acreditavam estar aptos, através do método da empatia – livrando-se dos condicionamentos de seu presente – a compreendê-los como se os tivesse vivenciado, tal como se operassem um retorno às origens. Tal qual objetivava Freyre, quando afirma não ser suficiente, para a interpretação de uma época, que

[...] o analista dela, desdobrado em intérprete, familiarizar-se com o que no seu decorrer foram fatos; ou apenas valores-coisas. É preciso que ele se torne quanto possível íntimo das relações entre essas pessoas e esses valores; entre as pessoas e os valores imateriais; entre as pessoas e os símbolos mais característicos da época [...]. (FREYRE, 1959, p. XXXII)

Porém, é inegável que ao apontar a empatia como chave de interpretação da formação da sociedade brasileira o autor adjetiva como “método empático” um olhar que se forma a partir de múltiplas referências que extrapolam uma adesão a uma única corrente de pensamento. Assim, se percebemos sua escrita em diálogo com o historicismo, não podemos deixar de pontuar seu interesse por outras abordagens, a saber, o perspectivismo, onde conecta-se com o filósofo espanhol José de Ortega y Gasset (1883-1955) de quem, segundo Elide Rugai Bastos (BASTOS, 1998), recebe influências na elaboração de sua noção de social, fundada, ainda conforme a autora, na discussão sobre as relações entre o eu e o outro, sendo os limites do conhecimento de nosso próprio eu um elemento instaurador da percepção do mundo do outro.

Assim, uma das principais marcas da trajetória freyreana, consiste na busca do autor – entre trânsitos e ambiguidades – por não vincular-se a uma corrente de pensamento específica, sendo muito difícil – como bem pontuou Darcy Ribeiro – “generalizar sobre Gilberto” (RIBEIRO, 2011, p. 15), que se qualificou por vezes como adepto a uma metodologia miscigenada (FREYRE, 1968). Miscigenada pelo desejo de criação de um método brasileiro para a leitura da formação dessa sociedade e por sua

disposição por assimilar e apropriar-se de inúmeras ideias com as quais formou seus pressupostos analíticos. Razão pela qual podemos encontrar em seus escritos o recurso e a defesa da intuição, da criação e da invenção na narrativa histórica, conforme testemunha o autor, quando afirma ter sentido que:

precisava achar caminhos pelos quais fosse possível a brasileiros procurarem chegar a uma nova consciência do que fosse sua cultura nacional. A objetivamente histórica pareceu-me, então, insuficiente. O que se impunha – intui, nesses dias – era um substituto socioantropológico em que a ciência fosse completada por arrojos criativamente autênticos, antes artísticos que estritamente científico (Idem, 1984a).

Sendo o afã por vencer a distância entre pesquisador e objeto de pesquisa, e o recurso à intimidade e à reconstrução da história, assim como a ênfase na vivência e na defesa de que a história se constrói a partir de múltiplos pontos de vistas, abundantes na narrativa freyreana. O autor, ao centrar-se na análise da vida cotidiana opera um método singular ao fundir experiências pessoais com memórias coletivas, e aventurando-se em inventariar os saberes e fazeres, sugere ser a cultura composta de práticas sociais repletas de sentimentos, sensorialidade e ludicidade. Conforme aponta Albuquerque Júnior, ao situar que interpretar o Brasil, para Freyre,

não é uma atividade de distanciamento crítico em relação a ele, mas uma atividade de imersão sensível e racional em sua realidade, um deixar-se misturar e impactar por ele, é experimentar não só um esforço de inteligência, mas um exercício de sensibilidade e imaginação. Apanhar o significado da história nacional não se fazia apenas através de uma atividade científica, mas também através de uma atitude poética, de abrir os sentidos para sentir o país, de se deixar tomar, invadir pelas emoções, pelos afetos que suas paisagens, que suas gentes, que sua história eram capazes de produzir. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008.)

A empatia, por sua vez, está em sua obra não só como método compreensivo, mas como estratégia de recepção, uma vez que sua narrativa busca também o envolvimento do leitor, a fim de que este possa compreender o fenômeno narrado, como no texto de *Casa grande e senzala* (1933), cujo ponto de partida são experiências pessoais e as memórias mais íntimas do autor, a partir das quais Freyre deseja recompor, sistematizar uma história repleta de personagens, que ele vai ao longo do texto, assumindo plasticamente, e na busca por harmonizar os contrários, se desdobra no menino, no negro, na mulher, no homem, no efeminado (FREYRE, 1968). Com base nessa estratégia, o museu idealizado pelo autor se apresenta como um espaço de experiência com o projeto regionalista, articulação social e discursiva da qual Gilberto

Freyre foi o principal teórico e entusiasta, contando com a adesão de artistas, poetas, políticos e intelectuais contrários aos ideais unificadores do modernismo paulista.

Os regionalistas postularam uma integração nacional que considerasse as diferenças regionais e pautaram décadas de produção cultural em Pernambuco, influenciando o percurso histórico, político e econômico da região, ao edificarem um espaço social e afetivo alicerçado a partir de diferentes discursos. Erigiram mitos, paisagens e memórias e lançaram mão da ideia de especificidade local, fornecendo o arcabouço teórico para o 1º Congresso Regionalista (1926), onde organizaram uma região para a qualurgia o desenvolvimento de um “sentimento de unidade”, em torno de suas tradições, abordadas como as guardiãs das raízes culturais da nação, criando para ela um imaginário próprio ao qual Freyre associou um museu ideal.

1.2-Passear entre intimidades: a empatia no Museu

Em *Cultura e museus*, Gilberto Freyre refere-se a uma visita realizada a um museu alemão, quando esteve na Europa em viagem de estudos. O museu – situado em Nuremberg, a “cidade dos brinquedos”, que já havia sido tema de um artigo datado de 1923, publicado pelo Diário de Pernambuco, jornal para o qual o autor colaborou como correspondente – teria impressionado o jovem pernambucano, a ponto de tornar-se não só elemento de algumas de suas lembranças, como uma instituição a tomar-se por referência. No documento citado, recorda Freyre:

uma vez, em Nuremberg, visitei um museu do brinquedo. Maravilhas de trens, de palhaços, de bonecas, de jogos, de bolas, de casas de madeira. Senti-me **restituído** aos dias de menino. Mas uma das minhas alegrias foi notar o modo por que crianças como que brincavam **empaticamente** com os objetos expostos. Como que quase tocavam neles, de tal maneira os brinquedos se deixavam ver empaticamente pelas crianças. Quando digo empaticamente refiro-me a essa maneira empática de ver. A maneira de uma pessoa projetar-se em coisa que a empolgue, a seduz, a encante [grifo nosso]. (Idem, 1984a)

O museu, nessa citação, é uma instituição ligada à temporalidade, pois além de transpor o visitante para outro tempo (na citação, o tempo da infância do autor), teria segundo sua compreensão a qualidade de restituir uma experiência, sendo por ela que Freyre – um sujeito moderno – negocia e articula sua relação com o passado (HUYSEN, 1997, p. 226), atribuindo sentido a um conjunto de representações que evocam elementos das memórias individuais e sociais, e reconstroem ou redefinem identidades coletivas – em instâncias nacionais, regionais ou locais. De tal modo, o museu freyreano não orbita apenas na esfera antropológica, como propõe Rodrigo Alves

Ribeiro (2008, p.104), ao contrário, é marcadamente “histórico-social” e “antropológico-cultural”.

Para a museologia, como prática, encontramos na citação uma sugestão: a de ser criadora de sedução. Sugestão implícita no processo de interação entre o observador e os objetos expostos, quando as crianças são apresentadas na narrativa como sujeitos que apenas com o olhos, brincam empaticamente com os objetos, que por sua vez se deixam olhar. Deste modo, diz o autor: “um museu bem orientado, acentua, repita-se, enfatize-se – é o que proporciona de modo sintético, ao visitante uma como sensação de ver, apalpando, como que tocando com as mãos, o que lhe é apresentado” (FREYRE, 1984b).

A recordação de viagem do autor corrobora uma leitura de seus pressupostos sobre a função do museu e do fazer museológico, e nos leva a elencar duas possibilidades de leitura em torno do conceito de empatia relacionado à *imaginação museal* freyreana: **a empatia para**, que lemos a partir das estratégias desde onde a cultura material é elaborada, exposta, comunicada e interpretada, a fim de criar relações societárias; e **a empatia por**, que consiste no processo de afetação do visitante/observador perante a realidade que o museu apresenta.

Em ambos os casos, o museu freyreano é um lugar propício para a representação⁵ e para a experiência com o passado, assim como para sua constatação material. Para tal o autor recolhe testemunhos, separa, reúne, “transforma em ‘documentos’, certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2000, p. 80), formando com eles coleções com as quais opera arquivamentos que além de definir uma realidade, evitam o esquecimento pelo despertar do exercício da memória pela salvaguarda de objetos e práticas que uma vez expostos, se constituirão como vestígios do passado e garantia da autenticidade, veracidade e, sobretudo da existência da região inventada.

O tratamento dado por Freyre ao futuro acervo do museu que idealizava aproxima-se da definição de Suzanne Briet, para quem documento “é todo indício (sinal) concreto ou simbólico, conservado ou registrado com a finalidade de representar, de reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (BRIET, 1951, p.7 apud

⁵ Sobre o conceito de *representação*, Roger Chartier oferece um exemplo que abre uma perspectiva para seu entendimento: “Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 2002. p.73).

BENCHIMOL, 2009, p. 30), deixando o museu de ser um depósito de obras [objetos] para adquirir a dupla função de arquivo e de exposição – que tem por missão “conservar experiências sensíveis com a finalidade de demonstrá-las” (DELOCHE, 2002, p. 81), sendo assim propulsores de relações identitárias.

No pensamento de Foucault, arquivar – além de ser o espaço reservado à guarda de documentos pertencentes à memória coletiva – é um espaço epistêmico de visibilidade de um determinado saber, junto ao qual são desenvolvidos discursos, práticas e mecanismos de organização, de disposição e de autorização desse mesmo saber (FOUCAULT, 2005). Assim sendo, arquivar corresponde às condições de possibilidade da constituição de certa formação discursiva e cultural que se define pela vontade de verdade, a qual cria, modifica e empreende sentido para o mundo. Portanto, ao pensarmos ser o museu “literalmente, um microcosmo, isto é um mundo em miniatura, posto em ordem a partir de um ponto de vista” (DE L’ESTOILE, 2010, p. 22), a empatia que aqui analisamos, é um meio a partir do qual um saber e uma apropriação deste mundo pode se compor.

1.2.1-Empatia para

Ao rebater a crítica que qualificava *Casa grande & senzala* como obra saudosista, argumenta Freyre:

(...) uma coisa é ser um autor saudosista em sua atitude decisiva com relação ao passado; outra coisa é servir-se o mesmo autor da saudade, ou, especificamente, da lembrança proustiana, como método empático de recapturar um tempo morto, procurando fazê-lo viver para que, ressuscitado possa esse passado ser como que apalpado pelos dedos dos São Tomés. Apalpado nas suas feridas e apalpadors nas suas partes porventura sãs (FREYRE, 1980, p. 161).

Com a citação apresentada nos debruçamos mais uma vez sobre uma leitura do autor de seus próprios métodos, exercício que teve em sua obra inicial uma fonte quase que inesgotável de visões e revisões. Interessa-nos, por sua vez, a passagem na qual atribui à sua prática de pesquisa e escrita o sentido de recaptura de um tempo morto por via de sua narrativa, visão que é ressaltada pelo recurso à metáfora de São Tomé, apóstolo incrédulo para quem a validade dos fatos residia em suas evidências visuais.

E é assim, elaborando evidências, que o autor se posiciona enquanto analista da formação da sociedade brasileira – em geral – e da constituição do Nordeste, em particular, remetendo-se ao passado colonial não apenas como seu herdeiro, mas como se dele tivesse feito parte. Diz fazer teoria na busca por se completar pelo estudo da vida

doméstica daqueles que o anteciparam, e a partir dos quais buscou as emendas para compreensão da realidade histórica na qual estava imerso. É neste sentido que Freyre responde a Joaquim de Arruda Falcão, que “o Museu do Homem do Nordeste apresenta evidências impressionantes do que foi, em termos afetivos, amorosos, o relacionamento casa-grande-senzala, em termos patriarcais escravocratas” (Idem, 1984b).

Ao partir desse desejo por domesticidade e pela deflagração daquilo que seja mais sensivelmente familiar aos sujeitos, o autor pensa o museu como instituição por ele qualificada a partir de critérios, termos e conceitos análogos aos presentes na sua compreensão de prática historiográfica, sociológica e antropológica e afirma que os detentores de uma *consciência museológica* (Idem, 1979, p. 44) deveriam ocupar-se da articulação de vivências, e ao invés de simplesmente apresentar (expor) uma realidade, pensar o museu para além da intenção narrativa e da relação espaço-temporal restrita ao passado. É neste sentido que conceitua Museologia como

[a] documentação o mais possível vibrante, de vida, surpreendida nos seus à-vontades. O mais possível existencial. Vivente. Convivente. Reveladora de intimidades. De cotidianos. De tempos a fluírem ou captados em exatos momentos típicos ou característicos. A museologia que concorda em apresentar o homem, sua vida, sua cultura, em posições solenemente estáticas, atraiçoa o que nela é, além de ciência, arte. Arte mais agilmente interpretativa que apenas descritiva. (Idem, 1984a)

Portanto, como em suas análises histórico-sociais, a empatia justaposta ao museu freyreano atua como pressuposto de integração entre homem e realidade, trazendo um conhecimento sobre o mundo com base nos pormenores que residem na forma de organização de uma cultura. Conforme Poulot, “estimar o valor de gosto ou valor de memória de determinado objeto corresponde a uma afirmação de si ou do grupo, em oposição ou em paralelo a outros objetos e outros sujeitos” (POULOT, 2003, p. 27), argumento que é pertinente ao projeto freyreano de museu, lugar de memória⁶ feito de fragmentos para onde os objetos mais que deslocados, são acolhidos como bens culturais.

Deste modo, um museu organizado a partir de critérios de valorização de cotidianos, em oposição ao solene, grandioso e monumental, operaria uma ruptura

⁶ Entendemos lugares de memória a partir de Pierre Nora, para quem a memória é viva, está sempre em constante evolução, aberta à dialética da lembrança, do esquecimento e do inconsciente. Já história, possui vocação universal, uma vez que constitui uma reconstrução do passado, que pertence a todos e a ninguém. A partir dessa relação antagônica, na qual a memória é abandonada em favor da História que surgem os lugares de memória. Nora define lugar de memória, a partir do reconhecimento de três características primordiais: material, funcional e simbólica. Segundo o historiador, são lugares “com efeito, nos três sentidos da palavra, material, funcional e simbólico, simultaneamente, somente em graus diversos” (NORA, 1993, p. 21).

museográfica com o paradigma evolucionista e classificatório, ao organizar como em *Casa grande & senzala* – em contraponto aos testemunhos das narrativas patrióticas – o que nas relações familiares, na vida laboral, na intimidade, nos jogos e no imaginário infantil, nas danças e nas práticas ritualísticas, havia de especificamente nacional, por ativar memórias visuais, olfativas, auditivas e gustativas do Nordeste – o da tradição e o da modernidade.

O autor, que rejeitava a associação entre museu e mausoléu⁷, atribuiu a essa instituição a potência de fazer co-habitar, em harmonia e conflito, diferentes espaços e tempos: diferentes espaços por sua compreensão do Nordeste como um conjunto regional formado por singularidades; e diferentes tempos, dada sua definição de tempo tríplice – aquele que não sendo linear, é plural, composto, complexo, e que não sendo apenas presente, passado ou futuro, é formado por temporalidades simultâneas. Compreensão exemplificada quando ao questionar os anseios modernistas, o autor propôs aos adeptos deste movimento que, sendo modernos fossem pós-modernos (FREYRE, 1973.), permitindo-se perceber no presente as insurgências do passado e as sugestões de futuro. Assim, seria o museu por sua vez, o lugar ideal tanto para a experiência retrospectiva – possível pelo acionar de memórias vividas no corpo – como para a prospectiva – dado o caráter processual dessa instituição como lugar de tornar-se: compreensivo, conhecedor, outro a partir de outros.

Havia em Freyre a compreensão de que os museus deveriam ser organizados “sob critérios de valorização de cotidianos e de constantes” (Idem, 1984b), para tanto, deveria ser capaz de gerar uma dinâmica não só de compreensão, mas de atualização, possibilitando a transformação do presente na medida em que o passado fosse reinterpretado a partir de seus vestígios, sendo importante que houvesse lugar tanto para os elementos reconhecidamente ilustres, como para os feitos de anônimos. Que houvesse a valorização daquilo que contivesse um saber coletivo. Portanto, a empatia, acionada pelo museu como um método, deveria possibilitar ao visitante um processo de identificação compreensiva – de ser indivíduo situado, e de ser indivíduo em construção – em processo.

⁷ O autor afirma a necessidade da criação de museus de um novo tipo, apontado para uma leitura do termo museu descolada da sua associação dessas instituições a lugar de coisas mortas. Diz Freyre, “a palavra sugeria a nossos antepassados muito de estático, necrófilo, de culto inerte de coisas já recolhidas” (1979, p.10), porém, no desenrolar de seu argumento não deixa claro se está refutando uma afirmação de Theodor Adorno, para quem as relações entre Museu e Mausoléu estão para além da associação fonética.

1.2.2-Empatia por

No debate anterior destaca-se uma seleta de sugestões advindas do projeto de criação de um museu representativo, para o Nordeste, empreendido por Gilberto Freyre, pela ótica das estratégias necessárias ao estabelecimento de uma instituição onde o método da empatia forneceria as bases para a comunhão de objetos-símbolos, que seriam dotados de capacidade de fala, da capacidade de dizer o Nordeste. Por outro lado, perceberemos adiante que a personalidade autorreferente do autor, também abarcou sua *imaginação museal*, sendo uma de suas ambições em termos de projeto museológico, criar uma instituição ancorada nas “afinidades entre o meio, o homem e as criações materiais” (RIBEIRO, 2008.p.106) a partir do recorte da tradição e da região.

Para tal, seria importante que o discurso presente no museu que aspirava fundar, se legitimasse pelo público, que Freyre pretendia múltiplo. Assim, em entrevista concedida à Joselice Jucá, o museólogo Aécio de Oliveira⁸ - que teria sido o “braço museográfico” (CHAGAS, 2009, p.141) do sociólogo, e que deste autor teria realizado na prática os “sonhos” museais) afirma que a preocupação dos fundadores do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais era a de que a equipe de seu Departamento de Museologia – no campo desta e de todas as ciências – se preocupasse em “ser singular, para que a coisa tivesse assim, uma conotação de criação” (OLIVEIRA, 1988.).

Na mesma entrevista, ao remeter-se aos diálogos com Freyre sobre estratégias de expografia, o museólogo recorda que teriam refletido sobre a necessidade de pautar o tratamento dado à organização dos objetos na ordenação das coisas de forma “muito à vontade”, dialogando com o desejo do sociólogo, de um museu onde o curioso experimentasse por vezes a sensação de ser “um intruso ou profanador de intimidades” (FREYRE, 1923.). Tais preocupações apontam para o fato de Freyre e Aécio levarem em consideração e almejarem contemplar, além de pesquisadores e estudantes, um conjunto de visitantes que na entrevista o Aécio qualifica como carente e analfabeto, e para quem não caberia o excesso de textos ou legendas, sendo mais adequado recorrer a uma

⁸ Aécio de Oliveira (1938-2012) foi um “filho de Apipucos” que ainda criança passou a compor a rede de amigos da família Freyre e que, pelos encontros e demandas da vida, graduou-se museólogo, profissão que exerceu e pela qual se afirmou enquanto um dos formadores do campo da museologia no Brasil. Um dos elementos que impulsionou sua profissionalização foi a necessidade identificada pelos dirigentes do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em ter uma equipe que fosse composta por um corpo técnico qualificado para as especificidades de um acervo museológico então composto por três museus distintos – o Museu do Açúcar, o Museu de Arte Popular e o Museu de Antropologia do IJNPS. Esta necessidade foi oportuna para que este “afilhado” de Gilberto Freyre fosse enviado para o Rio de Janeiro, “com uma bolsa de estudos, onde, no período de 1966 a 1969, foi estudante destacado do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional” (CHAGAS, 2009, p.140). Em seu retorno ao Recife, Aécio se reintegra à equipe do IJNPS, e passa a articular a criação do Departamento de Museologia (DEMU) deste Instituto que, uma vez fundado, inicia suas atividades no ano de 1972.

museografia onde pudesse o homem entender “as coisas pelo próprio amontoado das coisas e ele tirar daquele amontoado o seu perfil cultural” (OLIVEIRA, 1988.).

O depoimento de Aécio se encontra com a passagem do já citado *Cultura e Museu*, onde afirma Freyre:

quem diz hoje museu, diz centro de **comunicação** intelectual da espécie mais atraente, no seu modo de ser educativa. Com os olhos do visitante podendo apalpar quase literalmente o que veem. Pois passou a época dos museus apenas conservadores de relíquias preciosas e quase sagradas. O museu é, no ocidente, cada dia menos necrófilo e mais **vivente e convivente** com os visitantes. (FREYRE, 1984a)

Retomamos com essa citação a preocupação com a recepção, estando os conceitos de vivência e convivência em sintonia com o pressuposto da empatia, desta vez presente no desejo de afetação do visitante, pelas narrativas e testemunhos apresentados pelo museu, ao qual se atribuí um sentido comunicacional, onde se pressupõe a existência de mensagens, receptores e emissores. Receptores que Freyre não desejava passivo, pois sustentara em discurso parlamentar sobre a necessidade de centros de pesquisa social no Brasil – na ocasião em que defendeu a criação do IJNPS (FREYRE, 1948) – que o museu do futuro instituto deveria orientar políticas futuras, e atuar como espaço de sugestões, pela religação entre os sujeitos e seus passados, na elaboração de uma história ainda incompleta, o que faz com que posicionemos o autor em uma perspectiva onde o museu atua tanto na instrução do povo como na transmissão de lições à posteridade.

Esperava-se por sua vez que os visitantes se relacionassem empaticamente com a tradição ali exposta, e que a exemplo do idealizador da instituição, reconhecessem o ponto de vista do senhor e do escravo, do homem e da mulher, da criança e do idoso, para desta experiência obter não só uma compreensão de sua ancestralidade, como edificar um futuro ancorado nas experiências do passado.

Ao pensarmos nos museus do século XX podemos afirmar que entre os seus principais objetivos estava a missão de educar o indivíduo, estimular seu senso estético e afirmar o nacional. Objetivos reconhecidos no projeto de Freyre, que preocupado em assegurar o caráter educativo do museu, não só o associa recorrentemente ao laboratório como exalta seu potencial de extensão da escola, assim através do contato com a cultura material e imaterial e por via dos objetos e do acionar dos sentidos, o

museu instauraria um processo de complementação da educação formal, que sendo por vezes abstrata, teria na instituição museológica o lugar ideal para sua dinamização⁹.

Neste quesito, Freyre afirma que caberia ao museu atuar como um contraponto às salas de aulas¹⁰, vistas pelo autor como desinteressantes e que portanto não eram capazes de sensibilizar os ouvintes a ponto de torná-los assimiladores do que ouvem, por sua vez, um museu bem orientado deveria ir muito além da aula verbal., teria como missão ser propulsor de experiências educativas, assim sua organização deveria estar orientada não apenas para o olhar, mas para os sentidos, daqueles que o “olham com olhos capazes não de engolir mas de mastigar o que veem”¹¹. E assim, lançando mão de uma metáfora digestiva o autor diz de sua ambição: que os visitantes, por meio de sedução museológicas, se aventurem a percorrer um amontoado de coisas organizadas aparentemente de forma espontânea para que encontrem, apreendam e se reconciliem com sua ancestralidade.

Sendo nas aspirações do autor por promover reencontros, e no seu empenho pela síntese de um passado comum e nos processos de subjetivações presentes no seu esforço por criar identificações com seu pensamento, que reside o problema central do museu freyreano. Onde a empatia é ao mesmo tempo a matéria que agrega senhores e escravizados, mulheres e crianças e a metodologia que dociliza os conflitos, presentes nas “nem sempre pacíficas” relações senhoriais abordadas pelo autor, que também assume, por vezes, o papel de empenhando justificador das razões – e desrazões – das relações de poder e dominação, vivenciadas pelos diferentes sujeitos de suas tramas.

2. Referências

ADORNO, Theodor W. Museu Valéry Proust. In: ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática: 1998, p.173-185.

ALEXANDER, Jeffrey C. A importância dos clássicos In: GIDDENS, A.; TURNER, J.. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1999. p.23-89.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. No entreluzir das afeições: o científico, o poético e o político na historiografia de formação do Brasil. In: VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; MATA, Sérgio Ricardo da; ARAUJO, Valdeci Lopes de. (Orgs.). **A Dinâmica do Historicismo**. 1 ed. Belo Horizonte: Argumentum, 2008, v. 1, p. 215-227.

BANDEIRA, Manuel. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre e a questão nacional. In: MORAES, Reginaldo et al. (orgs.). **Inteligência Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁹ FREYRE, 1962; 1963a

¹⁰ Idem, 1962

¹¹ Idem, 1979, p.9

BENCHIMOL, Alegria Celia. **Informação e objeto etnográfico: percurso interdisciplinar no Museu Paraense Emílio Goeldi**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT/UFF. 2009. Orientadora Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

CANTARELLI, Rodrigo. **Contra a conspiração da ignorância com a maldade: A Inspetoria Estadual dos Monumentos Nacionais e o Museu Histórico e de Arte Antiga do Estado de Pernambuco**. Orientador: Mário de Souza Chagas. UNIRIO/MAST. 2012. Dissertação.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHAGAS, Mário de Souza. **Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DE L'ESTOILE, Benoît. **Le goût des autres: De l'exposition coloniale aux arts premiers**. Paris : Flammarion, 2010.

DELOCHE, Bernard. **El museo virtual**. Colección Biblioteconomía y Administración Cultural-81. Gijón, Astúrias: Ediciones Trea, 2002.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 65-74, 1994.

FREYRE, Gilberto. **Necessidade de institutos de pesquisa social no Brasil**. Discurso proferido na Câmara Federal, Rio de Janeiro, 4 de dez. 1948.

_____. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____. **Sugestões em torno do Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife: Universidade do Recife / Imprensa Universitária, 1960.

_____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Ed. da UNB, 1968. Disponível em: http://bvuf.fgf.org.br/portugues/obra/livros/texto_completo_br/como_e_porque.htm

Acesso em: 16 de fevereiro de 2013.

_____. **Ciência do Homem e Museologia: subsídios em torno do Museu do Homem do Nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais** (Série Documentos, 14). Recife: IJNPS, 1979.

_____. **Cultura e museus [1984a]**. (Conferência proferida no Museu de Arte Sacra de Pernambuco - MASPE, em 16.10.84)

_____. **Carta para Joaquim Arruda Falcão [1984b]**, Recife, 1984.[Fotocópia de acervo pessoal de Joaquim Arruda Falcão] 16p.

_____. **Museus e escolas**. Diário de Pernambuco. Recife, 13 de mai. 1962.

_____. **A importância didática de um museu [1963a]**. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 12 de jan. 1963. Pessoas, coisas e animais.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HUYSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LIMA, Fernando da Mota. Sob o signo da ambiguidade. **Ciência & Trópico**, América do Norte, 32, jul. 2011. Disponível em:

<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CIT/article/view/1127/883>. Acesso em: 05 de Mai. 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n. 10, dez, 1993.

OLIVEIRA, Aécio. **Entrevista com Aécio de oliveira concedida à Joselice Jucá**. Dossiê 40 anos da Fundação Joaquim Nabuco, 1988. [Fotocópia, Arquivo CEHIBRA].

POULOT, Dominique. **Musée e Museologie**. Paris: Edition La Découverte, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **Gentidades**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. **Moradas da memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2008.

RICOUER, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1978. Tradução: Hilton Japiassu.